

Uma vergonha sacana

Oscar Cesarotto

Nos últimos anos do seu seminário, Jacques Lacan comentou, com sorna, aquilo que nunca teria acontecido: a psicanálise inventar alguma perversão inédita ou, talvez, outro pecado original. **Encore**, na televisão, ainda esperava, suspirando com Rimbaud, que um *novo amor* desse um jeito na ausência da relação sexual...

O diretor norte-americano John Waters não precisou ser lacaniano para filmar, em 2004, *A dirty shame, O clube dos pervertidos*, no Brasil, direto para as locadoras. Mas teria sido bem freudiano ao mostrar um insólito cardápio de **psichopatias sexualis**, na atualização, para o século XXI, do primeiro dos *Três ensaios*. Em português, o título é superegótico; em inglês, politicamente correto. No deboche dos melindres contemporâneos, isto é, da correção política, as “perversões” capitalistas, adultas & consensuais, colocam em xeque tanto os limites da moral, quanto da democracia. **O tempora, o mores? Sic transit gloria mundi!**

Desde sempre, John Waters foi infame; famoso, só depois. Autor de uma filmografia indecente, antes **underground**, foi se tornando conhecido do grande público após o sucesso de *Hairspray* (1988), *Cry Baby* (1990), *Mamãe é de morte* (*Serial Mom* – 1994), *Cecil Bem Demente* (*Cecil B. Demented* – 2000), graças à colaboração de atores & atrizes de boa reputação, junto com outros seres ímpares & bizarros, um panteão permeado de anormais & extraviados, a serviço do seu talento criativo, provocador & transgressor. No filme mencionado, esforçou-se para imaginar um novo ato sexual, um exercício de amor físico novinho em folha. Vejamos:

Sylvia, sexualmente insatisfeita & sempre mal-humorada, a pesar de Vaugh, seu marido insinuante & disponível; sua filha Caprice, portadora de enormes seios, louvados pelo seu fã clube; Big Ethel, sua mãe, indignada com a vizinhança liberal demais & beata perante tantas imoralidades. O bairro, que já foi pacato, agora abriga moradores devassos; como de praxe, situado na cidade de Baltimore, cenário autobiográfico do diretor.

A dona de casa vive atribulada, cuidando de sua loja & vigiando a filha, em prisão domiciliar por conduta indecorosa. A vida de Sylvia vira de pernas para o ar quando ela sofre uma pancada na cabeça num acidente. É socorrida pelo motorista de guincho Ray-Ray, na verdade, um competente guru sexual, que a introduz num grupo de perversos polimorfos muito contentes de satisfazer suas pulsões & desejos mais íntimos, sem pudores. O tesão que então experimenta a faz sentir viva & ousada, assediando desde o marido até qualquer um, na demanda de ser satisfeita do modo preferencial, buco-genital. De repente, o erotismo que parece tomar conta de toda a comunidade produz, dialeticamente, uma reação proporcional. Liderados por Big Ethel, mãe, avô & matriarca, uma porção de vizinhos se declaram “assexuados”, melhor dizendo, “neutros” (**neuters**), sem gênero nem vontade, planejando uma campanha para denunciar a sordidez & promover a castidade. A partir daqui, sucederão idas & vindas, vitórias & derrotas das forças repressoras & dos cidadãos libidinalmente libertos.

Entretanto, o que está em jogo vai além da simples insurreição pulsional: para uma verdadeira revolução dos tabus, precisará ser desenvolvida uma façanha sexual, transcendente & radical. Ray-Ray confia na capacidade de Sylvia ser o paradigma encarnado, após a concussão que a despertou para o gozo. **Eureka!** Um *croc* bem dado na cabeça corresponderia à função do orgasmo preconizada por Wilhelm Reich, ademais de localizar o ponto **G** no cocuruto! A boa nova: testa com testa, batendo de frente, ambos participantes atingem o acme do prazer, o paraíso percutido, **knock out**.

Também, merecem destaque as *aberrações sexuais* pós-freudianas & pós-lacanianas preliminares ao clímax, da suruba & do filme:

1. *Misofilia*: Atração lúbrica por sujeira.

2. *Adulto neném*: Regressão lúdica à organização pré-genital.
3. *Sanduba humano*: Uma mulher, prensada entre dois homens famintos.
4. *Família Ursa*: Coletivo de homossexuados obesos & peludos.
5. *Sploosh*: Fetiche inglês. Desejo de despejar comida em seus locais íntimos.
6. *Anorexia sexual*: Desinteresse pela manducação erétil.
7. *Neutralidade carnal*: Anulação dos impulsos da sexualidade, com ajuda do Prozac.

No final apoteótico, Ray-Ray, mestre & messias, eleva-se ao céu. Seu corpo inteiro, transformado em falo, supera a lei da gravidade, com sua cabeça ejaculando ecumenicamente sobre os personagens, a câmera & os espectadores deste lado da tela. **THE END. Happy wet end.** Por fim, o novo ato sexual foi realizado por alguém especial, *Aquele* aquém & além da castração; pelo menos *Um*, cuja performance vale para todos, como transferência & ideal. Alguma vez jorrou sangue do Ungido; nos dias de hoje, pinga sêmen lá de cima...

Missão (impossível) cumprida? Em termos cinematográficos & contra-ideológicos, **okey**, vale a pena assistir & dar muita risada. Na procura do Bem Supremo, o **goal** & o graal, ainda falta muito a desejar. O Kama Sutra proposto, **téte-a-téte**, não passa de uma formação de compromisso, sintetizando escândalo & recalque. *Não há relação sexual*: Parece ter sido lido ao pé da letra, pois no filme tem de tudo, menos penetração. De fato, o que o matema psicanalítico afirma é a não proporção entre os sexos, diferentes no real da anatomia & distintos na sexuação. Mas, para Waters, todo mundo é simétrico, apenas parceiros hermafroditas que gozam autoeroticamente de forma chocante. A pancada erógena não deixa de ser um traumatismo craniano, que parece afetar mais ao cérebro que aos genitais. Por isso mesmo, pode ser praticada sem tirar a roupa. Em definitivo, uma perversão puritana, sublime & pasteurizada. Uma vergonha limpa, ironicamente correta.